

Tatuagens de socioeducandas em cumprimento de liberdade assistida: marcas discursivas que engendram a constituição do sujeito pela linguagem

Tattoos of female probationers: discursive marks that engender the constitution of the subject through language

Tatuajes de mujeres en libertad condicional: marcas discursivas que engendran la constitución del sujeto a través del lenguaje

Fernanda Cerqueira Sousa¹

 0009-0006-2550-977X

Lafayete Menezes de Alencar Lima Rios²

 0000-0002-0810-8660

Maria Aparecida Pacheco Gusmão³

 0009-0007-7245-5337

RESUMO: Este artigo tem o propósito de refletir sobre as narrativas que emergem através das manifestações discursivas apresentadas nas tatuagens de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida. A tatuagem, concebida como um texto multimodal, pode ser compreendida enquanto uma das formas de expressão da linguagem que imprime um estilo próprio ao sujeito discursivo, que se expressa a partir das marcas tatuadas em seu corpo. A luz dos postulados bakhtinianos, buscou-se compreender as relações dialógicas que permeiam o discurso revelado nas tatuagens, as quais corroboraram para a assinatura desses sujeitos e suas marcas discursivas que são históricas, sociais e culturais. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa do tipo participante, utilizando a vídeo gravação e as tatuagens como instrumento para produção dos dados. Com base em três categorias bakhtinianas “eu-para-mim”, o “eu-para-os-outros” e os “outros-para-mim”, observou-se que as manifestações discursivas apresentadas pelas

¹ Doutoranda em Ensino na Rede Nordeste de Ensino-RENOEN / polo Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB. Professora da Educação Básica do Município de Vitória da Conquista-BA e advogada. E-mail: fernandacerqueiras.adv@gmail.com

² Doutorando em Ensino na Rede Nordeste de Ensino-RENOEN / polo Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -UESB. Professor do Instituto Federal da Bahia-campus Jequié. E-mail: lafayeterios@gmail.com

³ Doutora em Educação pela UFRN. Professora Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), docente e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGEN). Docente e orientadora no Doutorado em Ensino na RENOEN-polo UESB. E-mail: cidapachecogusmao2023@gmail.com

participantes revelaram marcas do olhar do outro, as quais imprimiram e marcaram o olhar que tinham e têm de si e que as tatuagens, enquanto signo ideológico e multimodal, refletiam/refletem e refratam as realidades de cada uma delas.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; marcas discursivas; adolescentes.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the narratives that emerge through the discursive manifestations presented in the tattoos of adolescents on probation. The tattoo, conceived as a multimodal text, can be understood as one of the forms of language expression that imprints a style of its own on the discursive subject who expresses himself through the marks tattooed on his body. In the light of Bakhtinian postulates, we sought to understand the dialogic relationships that permeate the discourse revealed in the tattoos, which corroborate the signature of these subjects and their discursive marks, which are historical, social, and cultural. The methodology was qualitative and participant-based, using video recording and tattoos as data. Based on the three Bakhtinian categories "me-for-me", "me-for-the-others" and "others-for-me", it was observed that the discursive manifestations presented by the participants revealed marks of the gaze of the other, which imprinted and marked the gaze they had and have of themselves and that the tattoos as an ideological and multimodal sign reflected and refracted the realities of each of them.

KEYWORDS: language; discursive marks; adolescents.

RESUMEN: El propósito de este artículo es reflexionar sobre las narrativas que emergen a través de las manifestaciones discursivas presentadas en los tatuajes de adolescentes en libertad condicional. El tatuaje, concebido como un texto multimodal, puede ser entendido como una de las formas de expresión del lenguaje que imprime un estilo propio al sujeto discursivo que se expresa a través de las marcas tatuadas en su cuerpo. A la luz de los postulados bajtinianos, buscamos comprender las relaciones dialógicas que permean el discurso revelado en los tatuajes, que corroboran la firma de estos sujetos y sus marcas discursivas, que son históricas, sociales y culturales. La metodología adoptada fue cualitativa y participativa, utilizando la grabación en vídeo y los tatuajes como herramienta para la producción de los datos. A partir de las tres categorías bajtinianas «yo-para-mí», «yo-para-los-otros» y «los-otros-para-mí», se observó que las manifestaciones discursivas presentadas por los participantes revelaban marcas de la mirada del otro, que imprimían y marcaban la mirada que tenían y tienen de sí mismos y que los tatuajes como signo ideológico y multimodal reflejan y refractan las realidades de cada uno de ellos.

PALABRAS CLAVE: lenguaje; marcadores discursivos; adolescentes.

Introdução

O sujeito ao enunciar não atua sozinho, pois no ato da enunciação já se prevê um possível interlocutor. Para construir seu discurso, o enunciador apresenta o discurso do outro que também se faz presente no seu (Bakhtin, 1997). Assim, o dialogismo corresponde às relações de sentido estabelecidas a partir de dois enunciados.

Os postulados bakhtinianos nos permitiram compreender que a constituição

do sujeito, suas consciências, conhecimentos físico e social de mundo resulta das ações de inúmeros falantes da língua, em diferentes momentos históricos e sociais. Nessa interação viva, a língua, extremamente dialógica, deve ser compreendida observando os fatores extralingüísticos em seu contexto social.

A partir dessa dialogicidade, destacamos que o estudo que será apresentado teve como objeto de investigação as tatuagens de adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, cuja análise se deu com base nos pressupostos bakhtinianos, a partir das categorias "eu-para-mim", "eu-para-os-outros" e "os-outros-para-mim". As categorias "eu-para-mim", "eu-para-os outros" e "outro-para-mim", de acordo com a perspectiva bakhtiniana, são fundamentais para entender a complexidade da subjetividade e da identidade do sujeito discursivo em uma relação dialógica. Essas categorias permitem que a análise de práticas sociais, como as tatuagens de adolescentes, seja vista não apenas do ponto de vista individual, mas também em como o sujeito interage com o outro, em um movimento contínuo e polifônico. Com base nessas categorias, buscamos compreender as percepções que os sujeitos discursivos têm de si a partir do olhar do outro, podendo ser esse outro o próprio eu, em outro momento, em outra posição e em outro lugar. Este estudo foi fruto do resultado da dissertação⁴ produzida em mestrado, tendo enquanto lócus de pesquisa um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), localizado em uma cidade do interior da Bahia, tendo por participantes adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida⁵.

O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE (Brasil, 2006) preconiza acerca do atendimento e da execução de medidas socioeducativas no Brasil. Enquanto um instrumento de garantia das disposições estabelecidas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), constitui-se enquanto uma ferramenta para a proteção e responsabilização de adolescentes que cometem ato infracional.

Conforme prevê o SINASE, o adolescente deve ser alvo de um conjunto de

⁴¹ Souza (2022).

⁵⁵ Por envolver seres humanos, a referida pesquisa passou pela aprovação do comitê de ética, cujo número CAAE é 44192320.0.0000.0055.

ações socioeducativas que contribuam para sua formação, de modo que venha a ser um cidadão autônomo e solidário, capaz de se relacionar melhor consigo mesmo, com os outros e com tudo que integra a sua circunstância e sem reincidir na prática de atos infracionais.

Desse modo, a motivação ao adentrar nesse estudo se dá pela necessidade de promoção de debates acerca das marcas discursivas dialógicas tatuadas, as quais revelaram/revelam sobre a percepção de si e do outro dos adolescentes em conflito com a lei, sinalizando para uma das possibilidades de se compreender e refletir acerca dessa temática, contribuindo para a superação do estigma, sua ressocialização e emancipação social.

Fundamentação

O ato de narrar é uma das atividades mais antigas da história da humanidade. A narrativa se manifesta na sociedade, em todos os tempos, espaços e grupos sociais, permitindo a transmissão de valores, culturas e crenças. Conforme aponta Panhoca (2013, p. 879), uma das maneiras pelas quais o discurso humano se organiza é por meio da narrativa. O ato de narrar é uma das práticas significativas mais antigas da história humana, linguísticas e culturais, está presente em todos os lugares, épocas e comunidades. Ele desempenha um papel essencial na transmissão e na preservação dos valores e crenças de diferentes grupos, desde os primórdios da vida em sociedade.

As adolescentes socioeducandas, participantes do nosso estudo, foram consideradas como sujeitos discursivos, por contarem suas histórias e “verdades próprias” a partir daquilo que veem, que sentem, resultado de suas relações sociais, culturais, éticas e dialógico-discursivas.

A adolescência, como um fenômeno biológico, não acontece de modo isolado, mas é imersa em diversos processos de significação que atravessam vários aspectos da vida social e cultural. Ao longo da adolescência, o corpo em transformação se articula com diversas questões, com as expectativas e normativas

familiares e sociais, e com o processo de constituição da identidade pessoal e social. Esse processo identitário é marcado por uma constante negociação entre as mudanças biológicas e as imposições externas, como as normas culturais, os papéis familiares e as estruturas sociais. Nesse sentido, segundo Oliveira e Vieira (2006, p. 432), a adolescência não é apenas uma fase de desenvolvimento biológico, mas também um momento de reconfiguração do "self", que se dá no encontro entre o corpo, as representações sociais e os discursos culturais que circulam ao redor do sujeito.

O "self" adolescente, portanto, é o resultado de um processo dinâmico de internalização e externalização de experiências, que se manifesta de maneira singular nas práticas narrativas. Essas narrativas não apenas refletem a experiência individual, mas também se inserem em uma rede mais ampla de significados culturais que influenciam a maneira como o adolescente percebe e constrói sua identidade no contexto social.

No capítulo "O autor e o herói" do livro *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (1997) aborda a formação da subjetividade do sujeito, desenvolvendo-a conceitualmente a partir de três categorias inter-relacionadas: o "eu-para mim", o "eu-para-os outros" e o "outro-para-mim". Essas categorias, para o filósofo, coexistem como partes que compõem a subjetividade do sujeito discursivo numa relação dialógica que ressoa a partir de um movimento polifônico, permeado por diversas vozes. As categorias bakhtinianas "eu-para-mim", "eu-para-os outros" e "outro-para-mim" são essenciais para entender a construção da subjetividade no contexto de práticas sociais, como as tatuagens de adolescentes. Elas expressam a complexidade da identidade em uma relação dialógica: o "eu-para-mim" refere-se à auto-percepção e reflexão íntima do indivíduo; o "eu-para-os outros" diz respeito à forma como o sujeito se apresenta e interage com a sociedade; e o "outro-para-mim" envolve como o sujeito percebe a reação dos outros a suas escolhas. Essas categorias coexistem de maneira interdependente, formando uma rede de interações que moldam a identidade de maneira dinâmica e polifônica. No caso das tatuagens, essas categorias permitem compreender o ato de tatuar não apenas como uma expressão pessoal, mas como um diálogo constante entre o indivíduo, os outros e as

percepções sociais, ressaltando o processo contínuo de construção e negociação de identidade.

Essas três categorias são interdependentes e coexistem de maneira dialógica, ou seja, elas se influenciam mutuamente. O sujeito não é um ente isolado, mas está constantemente em interação com os outros e com a sua própria subjetividade. A maneira como o sujeito se vê (eu-para-mim), como se apresenta (eu-para-os-outros) e como interpreta os outros (os-outros-para-mim) formam uma rede complexa de relações que estão sempre em movimento e que constroem a subjetividade de forma contínua e dialógica.

Essas categorias mostram que a identidade do sujeito não é algo estático, fixo, mas é constituída e reconstruída constantemente nas interações com os outros e com o próprio sujeito, em um processo dialógico e polifônico.

Segundo Oliveira e Vieira (2006), a perspectiva do estudo sobre a subjetividade na contemporaneidade está em conexão com a perspectiva narrativista dialógica, buscando compreender como o ser humano se desenvolve a partir dos processos biológicos e culturais.

As narrativas, nessa linha, emergem então através do discurso que tecemos acerca de nosso universo, experiências e vivências, na intenção ou tentativa de dar sentido ao vivido, como um modo de construção e constituição da realidade. Desse modo, corroborando com o pensamento de Brockmeier e Harré (2000, p. 7-8). As narrativas não devem ser vistas simplesmente como apresentação de uma versão externa de experiências mentais individuais. Contar uma história não é somente exteriorizar uma realidade interna, tampouco limitar essa realidade por meio de uma estrutura linguística. Na verdade, as narrativas são formas essenciais de como adquirimos conhecimento e estruturamos nossa vivência do mundo e de nós mesmos.

Para Barbier (1998, p. 170), o imaginário social se estabelece de maneira duradoura através das organizações, instituições e relações, podendo ele se configurar por meio das relações familiares, profissionais, sindicais, políticas, etc. Assim, consoante com o pensamento bakhtiniano, a experiência individual verbalizada toma forma a partir da interação com o discurso do outro, cuja

experiência verbal e individual do homem evolui a partir da interação contínua e permanente com os enunciados do outro. As palavras carregam em si seu tom valorativo, sua própria expressão carregada de sentido (Bakhtin, 2011, p. 314).

As palavras do outro atravessam nosso discurso num processo dialógico que contribui para a formação do narrador, aqui chamado de sujeito discursivo. Teixeira (2006) enfatiza que

[...] em Bakhtin, o sujeito se constitui numa relação intersubjetiva pela intervenção de um terceiro que tem substância, que é da ordem do articulável. A divisão que aí se dá é por um sujeito coletivo, pela pluralidade de lugares distintos do enunciador em seu discurso, pelo auditório social, pela compreensão responsável ativa (Teixeira, 2006, p. 233).

Barbier (1998) reforçou a necessidade de reconhecer as intenções, estratégias e possibilidades do sujeito e suas implicações no coletivo. Para ele, o sujeito pode ser um indivíduo ou um grupo. O termo coletivo é entendido como com o outro. Dessa forma, segundo o autor, o pesquisador atento percebe os interesses que orbitam ao seu redor e seu lugar na organização social. Ainda, para esse estudioso: “É preciso saber como apreciar o lugar diferencial de cada um no campo das relações sociais para poder escutar sua fala ou sua aptidão criadora” (Barbier, 1998, p. 187).

Compreender o lugar de passagem no campo das relações sociais e discursivas, perpassado por interações nem sempre contadas, mas contidas dentro das narrativas, é um desafio para aquele que se habilita a escutar, ouvir e dialogar. O pesquisador, pois

[...] elege o fluxo do movimento como seu território sem espaço. Lugar de passagem e na passagem a interação do homem como os outros homens no desafio de constituir categorias de compreensão do mundo vivido, nem sempre percebido e dificilmente concebido de forma idêntica pela unicidade irrepetível que é cada sujeito. As interações são perpassadas por histórias contidas e nem sempre contadas (Geraldi, 2010, p. 31-32).

Neste sentido, o pesquisador escolhe o fluxo contínuo como seu espaço, um território sem limites fixos. As manifestações discursivas, neste lugar, seriam um local de passagem onde, no próprio movimento, ocorre a interação entre os sujeitos,

que buscam, no convívio com os outros, construir formas de compreender o mundo em que vivem. Esse mundo, muitas vezes, não é completamente percebido e dificilmente é entendido de maneira idêntica por cada pessoa, que é única, assim como a linguagem. As interações entre os indivíduos são marcadas por histórias pessoais que, embora presentes, nem sempre são reveladas ou compartilhadas.

A linguagem, assim, segundo Geraldi (2010) serve para comunicar, sendo construída pelas relações entre sujeitos e sentidos múltiplos e variados que produzem o discurso, não meras informações. Em consonância com ela, estão as relações entre sujeitos, culturas, pensamentos e sociedade.

O estudo das tatuagens como textos verbo-visuais

É importante destacarmos que a nossa compreensão de texto verbo-visual ou linguagem verbo-visual está pautada nas relações dialógicas que podem ser estabelecidas a partir de elementos semióticos diversos enquanto um conjunto de signos, entendendo o texto, “[...], no sentido amplo de conjunto coerente de signos”, entendendo que há uma “[...] complexa inter-relação do texto (objeto de estudo e reflexão) e do contexto emoldurador a ser criado pelo pesquisador que interroga, faz objeções, etc”. (Bakhtin, 2010, p. 311).

Dessa forma, os enunciados apresentados a partir do texto verbo-visual se constituem a partir de diversas faces semióticas, não se resumindo, portanto, a um único sentido ou conteúdo temático, por exemplo, mas se valem de todos os estilos e não de apenas um, compondo, desse modo, um texto multimodal.

Kress e Leeuwen (1996), ao proporem um aprofundamento nos estudos sobre textos não-verbais, argumentam que o ato de ver é frequentemente compreendido de forma mais simples do que o de ler. Entretanto, o processo de observar uma imagem não deve ser considerado como algo instantâneo ou sem desafios; ao contrário, deve ser reconhecido como uma forma distinta, mas igualmente complexa, de leitura. Isso ocorre porque, ao criar um texto não-verbal, multimodal, são selecionados elementos específicos, como formas, planos, símbolos, entre outros,

que geram significados e não são escolhidos aleatoriamente.

Ainda, de acordo com Kress e Leeuwen (2001), os textos multimodais propõem formas representativas que juntas constroem os sentidos, a exemplo dos sons, das imagens e das tatuagens. Assim, estes tipos de textos se realizam a partir de mais de um código semiótico que formam seu significado.

Neste sentido, entender o discurso, enquanto uma constituição multimodal, é necessário para compreender as práticas discursivas integradas no texto, pois a relação entre a linguagem verbal e a visual contribui para a elaboração dos sentidos na interação dialógica. Dessa forma, a complementariedade das imagens e das palavras se baseia no fato de que imagem e texto se retroalimentam. Não é necessário que ambas estejam presentes ao mesmo tempo, para que essa relação exista. As imagens geram palavras, que, por sua vez, geram novas imagens, criando um ciclo contínuo (Joly, 1996, p. 121).

A imagem, enquanto uma das formas de expressão da linguagem, não pode ser tomada como transmissora de uma informação, porém como mediadora entre a realidade social e o homem, o que contribui para o surgimento de diversas possibilidades de sentidos a partir da sua relação com o sujeito, pois as concepções de mundo,

[...] as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um sinal determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (Medviédev, 2012, p. 48).

As múltiplas faces semióticas dos enunciados imbricados de signos ideológicos incorporam a natureza multissemiótica e multimodal dos textos verbo-visuais, imprimindo um estilo próprio ao sujeito discursivo que se expressa a partir das tatuagens em seu corpo, sendo considerados como um produto ideológico que

[...] faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo

que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. [...]. E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade (Bakhtin, 2011, p. 31-32).

Sendo os signos, criados nas relações interindividuais, cheios de valores compostos por diferentes interlocutores, Bakhtin (2018) apresentam um conceito de signo remetendo-o a um produto ideológico imbricado de fenômenos naturais, artigos de consumo e instrumento de produção que reflete uma realidade exterior.

Assim, os textos verbo-visuais representam os fenômenos ideológicos, oriundos das inter-relações discursivas, cujo produto é um material semiótico que só pode ser compreendido através da análise do conteúdo ideológico contido no discurso.

A luz dos postulados bakhtinianos, buscamos delimitar alguns conceitos e sua importância para análise das tatuagens das socioeducandas ora entrevistadas, cujas formas de expressão apresentam de maneira implícita ou explícita as dimensões visual e verbal da linguagem. O termo visual aqui foi tratado a partir das tatuagens e o termo verbal foi discutido a partir das dimensões oral e escrita.

Assim apresentados, os textos foram analisados e interpretados a partir dos processos dialógicos que os constituem, das narrativas e dos discursos que lhe são inerentes, das singularidades das formas de expressões, dos enunciados que apresentam, das relações sociais que os compõem, corroborando para a assinatura do sujeito e suas marcas discursivas que são históricas, sociais e culturais, pois as relações dialógicas são

[...] de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso [...] as relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva (Bakhtin, 2018, p. 323).

No tocante aos aspectos do estudo das tatuagens enquanto texto verbo-visual, é importante destacar que Bakhtin (2018) considera as relações

dialógicas como um objeto de uma teoria pautada na análise dialógica do discurso, sendo assim “[...] possíveis também entre outros fenômenos conscientizados, desde que esses estejam expressos numa matéria sínica. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes” (Bakhtin, 2018, p. 211).

Essa incursão nos discursos, destacados em cada categoria apresentadas posteriormente, surgiu não apenas das significações da palavra, mas do discurso, o qual denota sentido dialógico, ancorado em outras vozes sociais e, ao mesmo tempo, na singularidade de cada sujeito.

Metodologia

A metodologia da pesquisa é entendida como o caminho para se chegar aos objetivos propostos. Para Minayo (2002), ela ocupa um lugar central nas concepções teóricas de abordagem e, com relação ao conjunto de técnicas, deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. Consoante a citada autora, “[...] a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas” (Minayo, 2002, p. 16).

A partir do percurso metodológico que seguiu o estudo, este se configura como participante, pois se caracteriza pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, tendo como premissa a “[...] realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (Borges; Brandão, 2007, p. 54).

Desenvolvido em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), em uma cidade do interior da Bahia, espaço de trabalho como assistente social de um dos pesquisadores deste trabalho, esta investigação contou com duas participantes que cumpriam medida socioeducativa de liberdade assistida, as quais eram referenciadas pela equipe multiprofissional do CREAS. Para preservar o anonimato das participantes, foram utilizados pseudônimos. É importante salientar

que essa pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética e Pesquisa e, ainda, que todos os participantes e seus respectivos responsáveis assinaram os termos de autorização para uso de imagens e depoimentos, e os termos de assentimento e de consentimento livre e esclarecido.

Quanto aos instrumentos para a produção de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e, posteriormente, sua transcrição. Também foram usadas fotografias das tatuagens, as quais foram analisadas sob a perspectiva de um texto multimodal.

Vale salientar que este trabalho foi desenvolvido a partir de texto dissertativo do mestrado, sendo os turnos de falas destacados das entrevistas semiestruturadas desenvolvidas na investigação. Informamos que, nas transcrições, procuramos manter o máximo de fidelidade em relação às suas falas e, por isso, não fizemos correções gramaticais.

Análise

Ao analisar tatuagens à luz dessas categorias bakhtinianas, podemos observar como o discurso das tatuagens não se limita a um único eixo. Em vez disso, ele envolve um contexto dialógico entre o que o sujeito quer expressar para si, o que quer comunicar aos outros e como os outros interpretam e respondem a essa comunicação.

Esse processo contínuo de interação entre os três aspectos (o "eu", os "outros" e a percepção dos outros sobre o "eu") é o que faz da tatuagem um fenômeno discursivo multifacetado, que vai além de um simples objeto estético e se torna uma forma de comunicação complexa, carregada de significados pessoais e sociais.

O estudo de cada uma das categorias bakhtinianas "eu-para-mim", "eu-para-os-outros" e "os-outros-para-mim" foi feito por meio de turnos de fala retirados das entrevistas realizadas com duas participantes da pesquisa produzida no mestrado, Ana e Mary (nomes fictícios). Ressalta-se que foram usados nomes

fictícios e algumas fotos das tatuagens sombreadas para evitar identificação dos sujeitos da pesquisa.

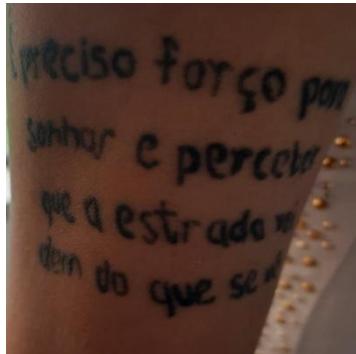
Apenas as duas participantes da pesquisa tinham tatuagens, Ana e Mary. Desse modo, apresentaremos a partir de então as imagens das tatuagens seguidas de nossa análise desenvolvida por meio das categorias bakhtinianas: o “eu-para-mim”, “eu-para-os-outros” e “os-outros-para-mim”.

É importante salientar que, como já apontou Bakhtin, as relações são dialógicas, discursivas e polifônicas, que refletem e refratam as relações socioculturais dos sujeitos. Desse modo, observamos que, assim como ocorreu com alguns turnos de fala das entrevistas, que evidenciaram mais de uma categoria, o mesmo acontecerá com as tatuagens e narrativas das mesmas.

Categoria “eu-para-mim”

Apenas nas tatuagens de Mary encontramos evidências dessa categoria. Vejamos a figura 1 a seguir:

Figura 1 – Foto de tatuagem – frase tatuada no braço direito: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

Ao falar sobre a tatuagem acima, com a assertiva: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”, Mary informou que essa frase a inspirou a acreditar que ela poderia conseguir alcançar seus objetivos, ser uma pessoa melhor a cada dia e continuar o seu processo de evolução. Vemos assim uma jovem determinada, em busca de melhoria do seu eu, em busca de

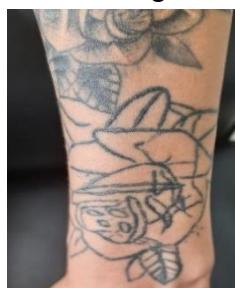
evolução como ser humano, que no passado trabalhava como “aviãozinho”, conforme vemos no turno de fala 58:

T58- Mary: Por que, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu que parar minha caminhada, né? Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu? Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, um aviãozinho lá no passado, mas que eu evolui, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rsrs

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 58.

As próximas três tatuagens são desenhos de rosa. A primeira foi uma tentativa de cobrir um desenho de um gato que, na opinião de Mary, não ficou boa, como se pode ver na figura 2 abaixo.

Figura 2 – Foto de tatuagem no braço esquerdo – flor



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T60- Mary: Assim, essa daqui foi porque era um gatinho, aí acabei fazendo uma flor, mas essa flor está ridícula, horrível, eu não gosto dela, essa daqui também não gosto, esse aqui é o nome da minha mãe, eu me arrependi, porque como eu já te falei, a gente não tem amizade alguma, ela não me ama e eu me arrependi e... e essa aqui é porque fiz quando eu tava no crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 60.

Depreendemos, a partir das narrativas tecidas sobre as tatuagens com a imagem da rosa, que Mary, em seu “eu-para-mim”, é uma garota que ainda oscila em seu querer: tatua um gato, não gosta, muda para uma rosa e também não gosta.

Figura 3 – Foto de tatuagem no braço esquerdo de duas rosas



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

Figura 4 – Foto de tatuagem na perna direita – Tatuagem de rosa



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T115- Mary: a rosa é porque eu me acho uma flor, sabe? Eu sou carinhosa e tal... eu sou uma menina doce... e eu gosto muito da rosa, não dá tatuagem, porque eu me arrependo de ter feito muitas tatuagens que... eu sinto vergonha delas.

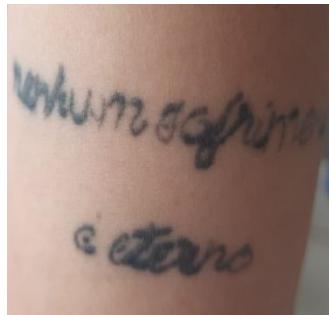
Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 115.

Consoante ao turno de fala acima, Mary se apresenta como uma pessoa segura, decidida, carinhosa e amorosa: “eu me acho uma flor”. Poderíamos intuir a partir do seu discurso que a representação da rosa com toda a sua beleza, mas também com os espinhos que a cercam.

Ela diz gostar muito da rosa, todavia não gostou da tatuagem. A imagem que escolheu para tatuar pode não ter ficado exatamente igual ao modelo que imaginou.

Em outro momento, ao dialogar sobre a tatuagem cuja frase é “Nenhum sofrimento é eterno”, Mary relata que a motivação para fazer essa tatuagem foi uma época de muito sofrimento. Ela tatuou para lembrar que, apesar de estar sofrendo muito naquele momento (a ponto de se auto mutilar e tentar suicídio por diversas vezes), acreditava que aquele sofrimento iria passar.

Figura 5 – Foto de tatuagem no braço esquerdo – frase “Nenhum sofrimento é eterno”



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T99- Mary: nenhum sofrimento é eterno.

T101- Mary: na época eu tava sofrendo muito, sabe? Aí falei: eu vou tatuar que nenhum sofrimento é eterno.

T105- Mary: é... me cortava, é... tentava diversas o suicídio...

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 99, 101 e 105.

Compreendemos do turno acima que essa tatuagem trata-se de uma verdadeira representação dos momentos difíceis vivenciados por ela. Também aqui, novamente, Mary se mostra forte e determinada a vencer os desafios. Imprime no corpo a certeza de que o sofrimento vai passar.

Categoria “eu-para-os-outros”

Nesta categoria, compreendemos que tanto as tatuagens de Ana como as tatuagens de Mary apresentam as marcas exotópicas do “eu-para-os-outros”. Iniciaremos nossa análise a partir da tatuagem de Ana. Antes de adentrarmos na discussão da citada categoria, faz-se importante destacar que, devido o período da pandemia em que foi desenvolvida a pesquisa, tanto a entrevista semiestruturada, quanto a narrativa acerca das tatuagens de Ana aconteceram de modo virtual, a entrevista através da plataforma *Google Meet* e a narrativa das tatuagens através do *WhatsApp*.

A mão do Mickey (figura 6 abaixo), primeira tatuagem feita por Ana, foi feita quando ela tinha por volta dos 13 (treze) ou 14 (quatorze) anos. A motivação para fazê-la partiu da ideia de um grupo de amigos que decidiu tatuar a mão do Mickey. Conforme Ana, esta tatuagem “foi aleatória”, o objetivo foi representar um grupo de

amigos. Segundo ela, no tempo atual, não tem representação, mantém-na como uma forma de recordação do que viveu.

Figura 6 – Foto de tatuagem mão do Mickey



Fonte: Fotos produzidas e enviadas pelo sujeito Ana no dia 03/04/2022.

Observamos o “eu-para-os-outros”, enquanto uma marca discursiva, na narrativa de Ana sobre a tatuagem, ao referir-se acerca da busca de pertencimento a um grupo, que, no caso em tela, é um grupo de amigos. Seria uma marca que os une, identifica, que reflete um sentimento de afinidade e irmandade entre eles.

A tatuagem de Mary abaixo apresentada (Figura 7), conforme citado anteriormente, pode ser entendida a partir de duas categorias de análise. Neste tópico, entendemos que, ao se referir como a sociedade a vê e o quanto as tatuagens que tem as estigmatizam, nossa participante diz se arrepender de ter tatuado duas máscaras, porque, em sua opinião, a sociedade considera como uma associação ao crime, apesar de que, em seu ponto de vista, retratam o choro e a alegria. Acreditamos que Mary, por meio dessa tatuagem, representa inúmeros adolescentes que tatuam por orientações de colegas, por modismo ou até mesmo por acharem a imagem bonita sem nenhuma preocupação com os possíveis significados e futuras implicações que terão, que futuramente podem levar ao arrependimento por fazer o desenho que retrata associação ao crime.

Figura 7 – Foto de tatuagem na perna direita – duas máscaras



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

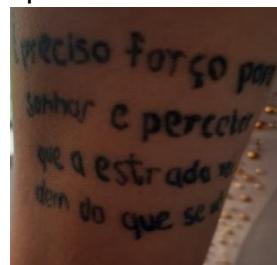
T62- Mary: Eu não sei muito o que representa essa tatuagem, mas ela representa... assim, na minha cabeça, eu achava que chorar agora e ri depois, eu achava que eu ia chorar, por exemplo, tô chorando agora, mas amanhã posso sorrir, entendeu? Mas para a sociedade, a sociedade lá fora, isso é uma... representação ao crime.

T65- Mary: E... eu fiz porque eu achava na minha cabeça que, tipo assim, eu tô chorando agora, mas amanhã eu posso sorrir. Eu achava esse significado bom, só que depois eu fui saber o verdadeiro significado, eu me arrependi, que é associação ao crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turnos de fala: 62 e 65.

Na figura 8 abaixo apresentada, cuja frase tatuada “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”, já vista anteriormente dentro da análise da categoria bakhtiniana “eu-para-mim”, percebemos, a partir de um estudo mais detido, que a mesma pode ser entendida também a partir da categoria “os-outros-para-mim”. Em sua narrativa, ao falar sobre esse texto, Mary afirmou que, apesar das críticas que ainda sofre em decorrência de seu passado de envolvimento com o crime, na função de “aviãozinho”, não vai parar de buscar sua evolução, irá continuar sua caminhada em busca de se tornar alguém melhor a cada dia e espera que lá na frente tais pessoas a olhem com outro olhar, um olhar de respeito.

Figura 8 – Foto de tatuagem no braço direito – frase: “É preciso força para sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”.



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T58- Mary: Por que, tipo assim... É preciso eu ter forças pra mim sonhar e perceber que... a estrada

vai além do que se vê... tipo assim... meus objetivos vão além do que eu imagino, entendeu? Que a cada dia eu posso tá evoluindo, eu consigo evoluir. Não é só porque muitas pessoas me criticam que eu quero parar minha caminhada, né?! Eu tenho que prosseguir, que lá na frente eu vou ser alguém melhor, e eles vão olhar pra mim com outro olhar, entendeu? Com olhar de respeito, não porque eu sou melhor do que eles, mas sim porque eu era uma traficante, um aviãozinho lá no passado, mas que eu evoluí, tô sendo alguém melhor, um ser humano melhor e é isso... rsrs

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 58.

Ao discorrer sobre a frase acima, Mary diz que o mundo do tráfico, do qual ela fazia como “aviãozinhos”, faz parte de seu passado, pois, ela evoluiu, mudou e, atualmente, está em construção de um novo projeto de vida, voltado para a superação da vivência infracional.

Compreendemos, a partir do fragmento acima, que a sociedade, na opinião de Mary, tece julgamentos por algumas ações do passado, uma sociedade que imprime um estigma, um julgamento, uma sentença, “culpada”.

Mary, ao falar sobre o olhar dos outros sobre ela, destaca que ainda há muitas pessoas que não conseguem ver sua mudança, ainda a veem como era no passado, uma adolescente que cometia ato infracional.

Categoria “os-outros-para-mim”

Consoante o que já foi visto anteriormente, observamos haver tatuagens que podem pertencer a mais de uma categoria. No caso da tatuagem da mão do Mickey, da participante Ana (já exposta acima na figura 6), compreendemos tratar-se da possibilidade acima apresentada. Ao discorrer sobre os motivos que a levaram a fazer tal tatuagem, Ana fala que a ideia partiu de um grupo de amigos que buscava ter uma marca que os identificasse enquanto grupo. Logo, depreendemos que existe uma influência do grupo sobre ela, a marca coletiva que retrata aceitação e irmandade dos envolvidos.

Ainda, discorrendo sobre as tatuagens de Ana, entendemos que outra pode ser categorizada dentro de “os-outros-para-mim”. Ana, quando tinha 13 anos, tatuou o nome do seu namorado da época (Figura 15 abaixo). Para ela, essa tatuagem não tem nenhum tipo de significado atualmente, porém não tem a pretensão em cobri-la, uma vez que faz parte de sua história. Em suas palavras, “nem desgosta, nem

gosta, não, tá aqui, eu nem lembro que tenho e também não desejo cobrir não”.

Figura 9 – Foto de tatuagem nome do namorado (nome suprimido para evitar identificação)



Fonte: Fotos produzidas e enviadas pelo sujeito Ana no dia 03/04/2022.

Já no caso das tatuagens de Mary, identificamos “os-outros-para-mim” em duas tatuagens distintas. Ao se referir à tatuagem com o nome de sua mãe, que foi sombreada para evitar identificação de nossa participante, ela diz não gostar e que se arrepende de tê-la feito, pois não se sente amada por sua genitora. Ademais, para Mary, ambas não conseguem estabelecer uma relação ao menos de amizade.

Mary passou por um período de depressão, que, segundo ela, foi uma fase em que chegou a tentar suicídio por diversas vezes. Devido a isso, chegou a tomar medicamentos, porém, por conta de sua mãe, parou de tomar. Para ela, tanto a depressão como o tráfico eram um acolhimento, um conforto diante dos conflitos em que vivia.

Figura 10 – Foto de tatuagem no braço direito – nome da mãe (nome suprimido para evitar identificação)



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T60- Mary: Assim, essa daqui foi porque era um gatinho, aí acabei fazendo uma flor, mas essa flor está ridícula, horrível. Eu não gosto dela, essa daqui também não gosto, esse aqui é o nome da minha mãe, eu me arrependi, porque, como eu já te falei, a gente não tem amizade alguma, ela não me ama e eu me arrependi e... e essa aqui é porque fiz quando eu tava no crime.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 60.

Ao mencionar sobre a tatuagem com dois triângulos deitados que está em seu tórax, Mary fala não recordar do significado, fez por influência de uma cantora

da periferia que luta para sair da prática de atos ilícitos, e, para tanto, utiliza a música para passar sua mensagem. Nossa participante diz que esta cantora a motivou por muito tempo e que, para ela, esse triângulo “significa alguma coisa boa”.

Figura 11 – Foto de tatuagem no tórax – dois triângulos deitados



Fonte: Fotos produzidas pela pesquisadora no dia 03/04/2022.

T111- Mary: é um significado muito bom, mas eu esqueci o significado. Eu fiz por causa de uma cantora, ela é de periferia, ela tá lutando para sair dessa vida e ela é tipo... me influenciou muito, sabe? Ela é pobre e ela usa a cultura, usa a música para distrair, para fazer coisas legais e... ela me motivou por muito tempo... e... esse triângulo significa alguma coisa boa, não sei o que que é.

Fonte: Entrevista semiestruturada com Mary (nome fictício). Turno de fala: 111.

Na configuração das relações dialógicas produzidas a partir das tatuagens acima apresentadas, compreendemos que o corpo tatuado chamou para si um deslocamento do exterior para revelar algo: um desejo, uma certeza, um gosto, uma identificação, uma busca por pertencimento, uma motivação, um sonho.

De acordo com Bakhtin (2018), podemos afirmar que as tatuagens, enquanto um signo ideológico que reflete e refrata uma realidade, revelam uma representação ideológica que se constitui numa relação intersubjetiva, as quais imprimiram em seu corpo um olhar de si e do outro.

Concordamos com Bakhtin (2011) que, quando adentramos na vida do outro por meio do diálogo, sendo este apresentado em nosso estudo através das marcas discursivas tatuadas no corpo, acessamos as diversas formas de sentido e significações, tendo como apoio o discurso que promove a linguagem permeada pelo movimento polifônico. O outro, para o filósofo russo, é sempre o “outro-para-mim” e estará imbricado em um diálogo intersubjetivo.

As relações dialógicas, portanto, constituíram o discurso e apresentaram a singularidade da forma de expressão do sujeito, permeada das relações e vozes sociais que o compõe, além das ideologias ali inseridas. Nesse sentido, a partir das

tatuagens, analisamos e compreendemos estes textos multimodais com fundamento nos processos dialógicos e nos discursos que lhe são inerentes, os quais corroboraram para a assinatura do sujeito discursivo, nossas participantes.

Considerações finais

Aqui analisamos como são desenvolvidos os discursos das adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida a partir das tatuagens que possuem e das narrativas tecidas sobre as mesmas. Observamos que as narrativas revelaram que nossas participantes apresentaram em seus discursos, marcas discursivas do olhar do outro, as quais imprimem e marcam o olhar que têm de si.

Percebemos também que o fato de cumprir medida socioeducativa as colocam em uma posição de serem vistas de maneira preconceituosa pela sociedade, sobretudo por terem em algum momento cometido ato infracional, fato que ensejou na aplicação da medida, atribuindo-lhe, muitas vezes, um estigma de “infrator” ou “marginal”, algo pujante e reiterado em seus discursos.

O fato de possuírem tatuagens, as quais podem ser consideradas como associação ao crime e a vivência infracional, torna-as mais uma vez “sentenciadas” a condição de excluídas de um determinado *lócus* social, o que vai de encontro a finalidade da medida socioeducativa que estavam cumprindo, que é a ressocialização dessas adolescentes.

A análise das tatuagens das socioeducandas, à luz das categorias bakhtinianas “eu-para-mim”, “eu-para-os outros” e “outro-para-mim”, permite compreender a relação complexa entre depressão, feminilidade e sentimento de pertencimento. As tatuagens surgem como uma forma de expressão da subjetividade dessas jovens, que, ao se tatuarem, buscam afirmar sua identidade pessoal (eu-para-mim), ao mesmo tempo em que respondem às normas sociais e expectativas de seus pares e da sociedade (eu-para-os outros). As tatuagens podem ser um meio de lidar com sentimentos de marginalização e busca de pertencimento a um grupo, ao se posicionarem de maneira visível e simbolicamente carregada.

Nesse processo, as socioeducandas não apenas enfrentam e dialogam com suas próprias dores e conflitos internos, como também lidam com a percepção que os outros têm delas (outro-para-mim), muitas vezes buscando reafirmar sua feminilidade ou contestar estigmas sociais. Dessa forma, as tatuagens se tornam um espaço de resistência e reconstrução de identidade, onde a subjetividade é moldada por um constante fluxo de vozes internas e externas, refletindo uma luta por reconhecimento, pertencimento e, muitas vezes, pela superação da dor emocional.

Ao atingirmos nosso objetivo de compreender as relações dialógicas que permeiam o discurso revelado nas tatuagens, pudemos constatar que as manifestações discursivas das participantes revelaram diversos discursos de si, do outro e do outro em si. O sentimento de pertencimento, marca que caracteriza a necessidade/desejo de pertencer a um grupo, a busca pela identificação ou compreensão, bem como, um momento de superação, de reinterpretação da própria história, de autoafirmação ou de valorização de aspectos que são significativos, representando não apenas um ato estético, mas uma experiência emocional, existencial e dialógica.

Ademais, concluímos que o corpo tatuado não é apenas uma imagem, mas um meio dialógico e intersubjetivo de comunicação e expressão, o qual reflete os desejos, valores e a identidade do sujeito, ao mesmo tempo, em que busca se conectar com algo maior — seja uma causa, uma cultura ou uma busca interior.

Assim, com este trabalho, esperamos evidenciar a necessidade de refletir sobre os atos discursivos apresentados nas tatuagens dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, bem como contribuir para a quebra do estigma que carregam pelo fato de terem cometido em seu passado algum ato infracional, pois assim como preconiza o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), essas adolescentes também são sujeitos de direitos e como tais, precisam do aparato estatal e de toda a sociedade para superação da vivência infracional.

As interpretações e narrativas apresentadas nas tatuagens colaboram significativamente para a quebra de estigmas ao destacar a importância de reconhecer as subjetividades e os direitos das adolescentes em cumprimento de

medida socioeducativa. Ao se focar nas tatuagens como atos discursivos, o trabalho sugere que essas marcas não são apenas símbolos de um passado infracional, mas expressões de subjetividades, identidades e histórias pessoais, desafiando a visão reducionista e punitiva que muitas vezes acompanha essas jovens. Assim, ao considerar as tatuagens como elementos comunicativos e de resistência, o texto contribui para a desconstrução do estigma de que essas jovens são apenas "infratoras", propondo uma leitura mais ampla de suas vidas e contextos. Ao humanizá-las e contextualizá-las, busca-se a construção de uma narrativa mais inclusiva, que favoreça a recuperação e a reintegração social dessas adolescentes.

Dessa forma, compreendemos que a análise das manifestações discursivas das tatuagens de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa pode ser uma potente ferramenta para entender as complexas relações de identidade, pertencimento e resiliência desses adolescentes. Ao destacar o significado pessoal, cultural e social das tatuagens, é possível superar os estigmas relacionados à criminalidade, ao corpo tatuado e à adolescência marginalizada, oferecendo uma visão mais empática e humanizada dessas experiências. Esse processo contribui para desconstrução de imagens preconceituosas e promoção da ressocialização desses adolescentes.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Forense, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, J. G. (coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: UFSCar, 1998. p. 168-199.

BRANDÃO, C.; BORGES, M. C. Pesquisa Participante: um momento da educação popular. *Rev. Educ. Popular*, v.6, p.51-62, 2007.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, C. R. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1990.

BRASIL. *Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012*. Institui o sistema nacional de atendimento socioeducativo (SINASE), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Sistema nacional de atendimento socioeducativo (SINASE)*. Brasília, DF: CONANDA, 2006.

BROCKMEIER, J.; HARRÉ, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011>.

JOLY, M. *Introdução a análise da imagem*. Tradução de Mariana Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

KRESS, G.; LEEUWEN, N. T. *Multimodal discourse*: the modes of and media of contemporary communication. London: Hodder Education, 2001.

KRESS, G.; LEEUWEN, N. T. *Reading images*: the grammar of visual design. New York: Routledge, 1996.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkora Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MINAYO, M. C. S. (org.). O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.a; GOMES, R. *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 21. ed. Pretópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, M. C. L.; VIEIRA, A. O. M. Narrativas sobre privação de liberdade e o desenvolvimento do self adolescente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 67-83, jan./abr. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100005>.

PANHOCA, I. Histórias de vida de pessoas com doença de alzheimer: linguagem e presença de sujeito. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 878-888,

maio/ago. 2013. Disponível em:
<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/973>. Acesso em: 16 de
julho de 2024.

SOUSA, F. S. *O movimento exotópico nas manifestações discursivas de adolescentes
em cumprimento de liberdade assistida*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino) –
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Disponível
em:
<http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wp-content/uploads/2022/12/O-MOVIMENTO-EXOT%C3%93PICO-NAS-MANIFESTA%C3%87%C3%95ES-DISCURSIVAS-DE-ADOLESCENTES-EM-CUMPRIMENTO-DE-LIBERDADE-ASSISTIDA-final.pdf>. Acesso em:
18 de setembro de 2024.

TEIXEIRA, M. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de
sujeito. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). *Vinte ensaios sobre
Mikhail Bakhtin* Petrópolis: Vozes, 2006. p. 227-23

Recebido em: 27 out. 2024
Aprovado em: 17 nov. 2024
Publicado em: 07 jul. 2025.

Revisor de língua portuguesa: Paulo Roberto Braga Júnior
Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho